



GT12 – Currículo – Pôster 792

## ARTEFATOS CULTURAIS E CURRICULARES, SEUS USOS E SIGNIFICAÇÕES

Nilton Alves de Almeida - ProPEd/ UERJ

Izadora Agueda Ovelha - ProPEd/ UERJ

Agência Financiadora: CNPq

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo, pensar como o mundo material, os artefatos ou quaisquer objetos que manipulamos – e que estão presentes em nossos cotidianos – interferem em nossas formas de ‘fazerpensar’. Como sugere Alves (2008), entendemos que os processos de ‘aprenderensinar’ e, portanto, curriculares são atravessados pelos ‘usos’ que fazemos de variados tipos de artefatos culturais que compõem nossos cotidianos. Assim, entendemos que os praticantespensantes, vivenciando estes espaçostempos, imergem em lógicas onde estão presentes as ‘táticas’ e as ‘estratégias’ Certeau (1994) que convivem nos mesmos ‘espaçostempos’ e se relacionam. Nestes casos os ‘usos’ dados aos artefatos se relacionam com as redes educativas dos praticantespensantes e são importantes para pensarmos a produção de currículos nas escolas.

**Palavras-chave:** Cinema; Artefatos; Currículos.

### Introdução

Quadro, giz, apagador, lápis, borracha, caderno, são alguns dos muitos objetos que compõe o cenário escolar e com os quais nos relacionamos e produzimos sentidos, conhecimentos e significações. Porém não são somente objetos que consideramos curriculares que entram nas escolas, são inúmeros os artefatos que ultrapassam os muros escolares, pelas mãos de indivíduos e/ou através das experiências de alunos e professores, como rádios, celulares, imagens de santos, bolinhas de gudes, brinquedos, entre outros tantos, cada um com suas significações.

Dessa forma, temos buscado compreender as relações entre os usos de artefatos culturais, nos processos pedagógicos realizados nas escolas. Pois, os cotidianos são *espaçostempos* em que se inventam formas de fazer ciência e educação, que se dá a partir

do que se produz na relação entre: sujeitos, objetos, textos, imagens e sons, que se transformam a todo o momento, no decorrer dos processos da *tessitura* de nossas relações e conhecimentos.

A partir disto, junto com alguns filmes<sup>1</sup> que trazem exemplos de artefatos, é possível perceber como esses inúmeros objetos podem ser utilizados com outras intenções, dependendo das *redes de conhecimentos e significações* de cada um, e com outras tantas *redes* que se encontram.

### Artefatos culturais e seus usos

O ser humano, há muito tempo lança mão de artefatos facilitando ou permitindo assim a realização de certas tarefas. Nossos antepassados primitivos utilizavam objetos achados na natureza como instrumentos que lhes garantissem uma extensão do próprio corpo, como podemos ver no filme dirigido por Jean-Jacques, chamado *A guerra do fogo*, que retrata um período na pré-história com o cotidiano de dois grupos de hominídeos, mostrando as suas relações, as muitas *estratégias e táticas* (Certeau, 1994) que lançam mão para sobreviver, tendo que transformar assim a natureza e criar artefatos.



Figura 1 O galho serve como extensão do próprio corpo

E não poderíamos deixar de mencionar o filme de Kubrick, chamado *2001 - Uma Odisseia no Espaço*, que de forma poética deu vida nas telas do cinema aos primórdios

---

<sup>1</sup> Para nós os usos das imagens, das narrativas e dos sons têm grande importância e vem sendo compreendidos como “*personagens conceituais*”, ideia desenvolvida por *Deleuze e Guattari* como sendo o “*heterônimo do filósofo*”, um elo intercessor para reflexão.

da humanidade, mostrando uma descoberta colossal: a concepção da primeira ferramenta, a criação do primeiro utensílio. No primeiro ato Kubrick representa a ascensão do homem sobre os outros animais, na cena do homem batendo com um osso em outros ossos de um animal morto representa visualmente o momento em ele já está ciente deste poder. Os primatas coletores e necrófagos<sup>2</sup> se transformam em caçadores e assassinos a partir da descoberta de como usar um osso como uma ferramenta e como uma arma.



Figura 2 A descoberta da primeira ferramenta

Na atualidade com o mercado econômico industrial, os artefatos carregam em si uma intenção financeira de uso e consumo, onde cada objeto fabricado e colocado no mercado, tem funções e intenções especificamente para ser consumido. Porém não somos meros consumidores, pois como nos sugere Certeau (1994), nós analisamos, além das imagens difundidas pela televisão e dos tempos passados diante do aparelho, o que o consumidor cultural “fabrica” durante essas horas e com essas imagens. Sugere também que essa “fabricação” é uma produção, uma criação e uma invenção, pois supõe que os usuários desses artefatos fazem uma “bricolagem” com/na economia cultural dominante, burlando regras, seguindo seus próprios interesses. Assim Giard (1996), ao apresentar a obra de Certeau diz:

*Uma criatividade que se esconde num emaranhado de astúcias silenciosas e sutis, eficazes, pelas quais cada um inventa para si mesmo uma ‘maneira própria’ de caminhar pela floresta dos produtos impostos (p.13)*

---

<sup>2</sup> Pois se alimentavam de restos orgânicos (plantas ou, animais mortos), reciclando-os e retornando-os à cadeia alimentar para serem reaproveitados pelos demais organismos vivos.

Ao valorizar os *usos* dos *praticantespensantes*<sup>3</sup>, Certeau apresenta uma perspectiva diferente deslocando o agente da ação para quem consome os produtos, quem usa estes artefatos, de forma a refletir como *usam* e como consomem, sabendo-se que as *prácticasteorias* são marcadas socialmente, ressignificando estes produtos, não atendendo muitas vezes aos objetivos definidos por quem os criou.

Esses muitos artefatos culturais não estão fora das salas de aula de nossas escolas, estão sempre *dentrofora* dos muros das escolas, pois são levados pelos muitos *praticantespensantes* que ocupam esses *espaçostempos*. Desta forma entendemos que, para melhor compreender os processos pedagógicos que se desenrolam no que diz respeito aos *usos* de artefatos culturais que estão dentro de nossas escolas são, como SOARES e SANTOS (2012) dizem:

*As possibilidades que esses usos criam para o conhecimento e para a realização dos currículos, precisamos ir além da ideia de produtos, equipamentos, serviços e técnicas inventados, fabricados e colocados no mercado especificamente para serem consumidos com finalidades educativas (p.3)*

Assim ocorre nas escolas, seus *praticantespensantes* operam a partir de suas *redes de conhecimentos e significações*, apresentando diversos *usos*, produzindo conhecimentos importantes, significativos, presentes nos cotidianos para além do que foi formalizado institucionalmente. Estas relações se tramam nas *prácticasteoriaspráticas* dentro da escola, visto que seus muros e portões não impedem o fluxo de ideias e artefatos de seus *praticantespensantes*.

---

<sup>3</sup> Termo apresentado por Oliveira (2012), indo além da ideia de Certeau que os chama somente ‘praticantes’, mas coerente com o pensamento deste autor que diz que esses criam conhecimentos e significações, permanentemente, no desenvolvimento de suas ações cotidianas.



Figura 3 Artefatos culturais na sala de aula

Discutindo com o filme *Ao mestre com carinho*, que trás a história do engenheiro Mark Thackeray (Sidney Poitier), que ao ficar desempregado resolve dar aulas em Londres, em uma escola no bairro operário de *East End*<sup>4</sup>, se depara com adolescentes indisciplinados e desordeiros. Thackeray se vê obrigado a criar *táticas* para poder despertar o interesse em seus alunos pelos estudos. Como podemos ver na figura 3, o professor Thackeray, traz um outro uso para algumas verduras que ele leva para dentro da sala de aula, com isso as verduras deixam de ter a função de alimento e passam a ter uma função curricular. Como no exemplo do filme citado acima, em nossas salas de aula, as revistas vão além da função de informar ou entreter e passam ser material de pesquisa, as caixas de ovos, de leite, entre outros tantos tipos de matérias passam a artefato curricular a partir dos usos que os sujeitos ordinários (CERTEAU, 1994) fazem.

### Considerações finais

As redes educativas dos *praticantespensantes* que se encontram, trocam, multiplicam conhecimentos e *praticampensam* currículos através das relações produzidas entre si, são sempre atravessadas por artefatos culturais.

Nos *cotidianos* a relevância dos *usos*, as diversas ações dos praticantes que produzem saberes e fazeres, são através de suas práticas. Na escola, as táticas e estratégias de alunos e professores mostram que os currículos são transformados cotidianamente e

---

<sup>4</sup> *East End de Londres*, também conhecida simplesmente por *East End*, termo pejorativo para se referir a área de Londres, Inglaterra, localizada a leste da muralha medieval da Cidade de Londres, este termo foi adotado devido a área ter uma grande concentração de pobres e imigrantes.

que artefatos entram e saem da escola, sem que seja possível um controle ou uma autoridade sobre eles.

O cotidiano, não pode ser totalmente previsto, é preciso permitir mudanças, intervenções que façam com que seja produzido um novo conteúdo, uma nova maneira de agir, um novo sentimento. Precisamos nos permitir pensar nos vários usos de artefatos culturais nos cotidianos escolares, independentemente de onde estão e quando ocorrem. Desde o simples giz ao pilot, artefatos geralmente desejados pelos alunos, compõem os inúmeros processos de aprenderensinar.

## **Referências**

ALVES, N. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I.B.; ALVES, N. Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DPetAlii, 2008. p. 13-26.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOARES, Conceição e SANTOS, Edméa. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. In: ALVES, Nilda. Libâneo, José Carlos. Temas de Pedagogia: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Editora Cortez, 2012. (p. 308-330).

OLIVEIRA, Inês B. O Currículo como criação cotidiana. Petrópolis, RJ: DP et Alli, 2012.

## **Filmografia**

2001 - UMA ODISSEIA NO ESPAÇO. Direção: Stanley Kubrick. EUA: 1968, 160 min., colorido, legendado.

A GUERRA DO FOGO. Direção: Jean-Jacques Annaud. Franco-Canadense: 1981, 101 min., colorido, legendado.

AO MESTRE COM CARINHO. Direção: James Clavell. UK, 1967, 105 min